

A FILARMÔNICA LIRA CECILIANA DE CACHOEIRA: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E DE PRÁTICAS CULTURAIS

Bruno Lopes do Rosário*

RESUMO: *Este artigo é resultado de uma pesquisa acerca do papel social e cultural desempenhado pela Lira Ceciliana na cidade de Cachoeira. Esta filarmônica consegue agregar diversos valores sócio-culturais nesta cidade do recôncavo baiano e permanece acesa desde a sua fundação em 1870, e que até hoje continua desempenhando o papel de dinamizadora da cultura e da identidade musical da rica e histórica cidade de Cachoeira na Bahia.*

Palavras-chave: *História; Práticas Musicais; Espaço de sociabilidade.*

INTRODUÇÃO

A história das sociedades filarmônicas brasileiras remonta ao período em que D. João VI chegou ao Brasil (1808). Acompanhando a Corte, estava a Banda da Armada Real de Portugal, um conjunto musical militar muito conhecido na Europa. Na época, atuavam no país, pequenas orquestras de cordas e coros destinados basicamente aos ambientes das igrejas e festas religiosas.

A música dita das ruas era feita pelas bandas de barbeiros, as quais executavam instrumentos de sopro entre outros. Assim, essa era a música procurada por populares, que, segundo alguns recibos de pagamento aos músicos encontrados em arquivos de igrejas, santas-casas, capelas e conventos de Salvador, indicam que, pelo menos de 1750 a 1885, os barbeiros participavam das festas, novenas e procissões e recebiam pela “*Muzica da porta*”, feita com “*timbales, trombetas, oboé e tambores*” (SCHWEBEL, 1987).

A primeira sociedade a ser criada no Estado da Bahia foi a Sociedade Filarmônica Erato Nazarena (ainda atuante), fundada em 1863, a partir do retorno dos soldados carabineiros da cidade de Nazaré das Farinhas os quais integravam o Batalhão 42, da 2ª linha, durante a guerra do Paraguai (SCHWEBEL, 1987).

E com o advento das primeiras bandas de música, as diretorias das principais sociedades filarmônicas do interior baiano interessavam-se pela criação de bibliotecas e salas para audição de poemas e apresentações de dança, dissolvendo as bandas de barbeiros e a competição entre elas (SANTIAGO, 1997-1998, nº. 8-9).

A partir daí e com a obrigatoriedade, prevista em decreto real, de se formarem bandas de música em todas as corporações militares do país, disseminou-se o germen que propiciou o florescimento de muitas outras sociedades musicais que animam as festas nas cidades.

As filarmônicas então passaram a ter um caráter de utilidade pública ensinando música e cidadania a muitos baianos, entre alunos e músicos, principalmente no interior. Estas prestam

* O autor é Bacharel em História com Habilitação em Patrimônio Cultural pela Universidade Católica do Salvador e pós-graduando em História Social e Econômica do Brasil pela Faculdade São Bento da Bahia. Contato: e-mail: brunonuno@hotmail.com.

essas orientações gratuitamente, os capacitam como cidadãos e profissionais ampliando as suas possibilidades de socialização e inserção no mercado de trabalho.

Essas sociedades puderam ao longo dos anos, afunilando o conhecimento e abrindo as portas para o entendimento coletivo, demonstrar as responsabilidades na preservação do nosso patrimônio e fazendo despertar nos sujeitos históricos as suas origens, suas identidades, suas práticas e representações culturais. Em decorrência disso, os sujeitos que percebiam que seus papéis poderiam difundir elementos culturais trabalharam para que isso se tornasse consenso, aguçando o gosto pela música, através desta linguagem que desperta a consciência cultural em todo o recôncavo.

Entre os principais nomes desta filarmônica devemos destacar os músicos, compositores e regentes cachoeiranos: Manuel Tranquilino Bastos, Irineu Sacramento e Firmo Costa, que atuaram com todo afinco e têm uma parcela muito grande na história de resistência e promoção cultural da cidade.

Procuro, portanto, dar conta dessa filarmônica que resiste ao longo dos anos e tem uma ligação muito íntima com o povo cachoeirano, suas representações e práticas culturais perpassam por toda a sociedade, funcionando como elemento dinamizador da cultura e identidade do recôncavo.

A REPRESENTAÇÃO CULTURAL DA FILARMÔNICA LIRA CECILIANA NA CIDADE DE CACHOEIRA

Manuel Tranquilino Bastos nasceu em Cachoeira em 08 de outubro de 1850. Desde cedo revela pendor musical e cria o “Recreio Cachoeira”, grupo musical que anima as festas na cidade. Mais tarde, o grupo se desenvolve e se transforma na Sociedade Eurtepe Cachoeirana e sua orquestra religiosa, passando a atuar principalmente nas festas religiosas.

Daí Cachoeira vê surgir um exímio clarinetista que domina também outros instrumentos, como é de costume a todos os mestres dentro da tradição das *bandas filarmônicas*. Nesta época, aprofunda os seus conhecimentos musicais através de partituras, tratados, métodos de diversos compositores europeus, traduzindo algumas destas obras para o português.

Em 13 de maio de 1870, Tranquilino Bastos aos 20 anos de idade, cria com amigos a Filarmônica Sociedade Cultural e Orfêica Lira Ceciliana, da qual é o primeiro regente. Os músicos que integram a Lira são, em sua maioria, artesãos, admiradores da música e devotos de Santa Cecília, a padroeira dos músicos. De dia, humildes sapateiros, carpinteiros e alfaiates; à noite, ensaiam exaustivamente para se apresentarem com garbo nas festas religiosas e desfiles cívicos, ganhando, portanto a simpatia e o respeito de boa parte da sociedade cachoeirana.

Sapateiros, alfaiates, carpinteiros, comerciantes em geral, faziam parte e dedicavam suas vidas a essa sociedade. Pessoas comuns, mas com uma história própria e identidades preservadas, carregadas de cultura e conhecimento. Essa reflexão aponta a importância social e cultural deste tema para a academia e para a sociedade investigada.

De dia estes trabalhadores cumpriam uma jornada de trabalho bastante árdua, e de noite ensaiavam as famosas peças de harmonia, como polcas, dobrados, marcinhas, hinos, enfim,

músicas de uma época marcada pelo advento da abolição da escravatura. Esta afirmação exemplifica tamanha dedicação que tinham os músicos desta filarmônica que leva o nome de Ceciliana em homenagem a Santa Cecília padroeira dos músicos.

A Lira Ceciliana consegue agregar na sociedade cachoeirana diferentes grupos e interesses, sejam eles políticos, culturais, musicais e sociais. Dessa forma, ela se apresenta como um lugar de memória, um espaço interativo, sendo socialmente constituída com o intuito difundir a cultura local e preparar as novas gerações de músicos e amantes da música para tal interesse.

Os estudos que se referem à cultura das Bandas de Música e Filarmônicas no Brasil e, principalmente na Bahia, vão muito mais além do que o aspecto estrutural e interpretativo da música, em outras palavras, desperta a identidade cultural desta sociedade e apresenta as suas práticas e representações a todos os segmentos sociais da cidade.

Esta investigação apresenta-se de forma singular como representação e manifestação cultural, além de “espaço de sociabilidade”. Por isso a filarmônica permanece viva na sociedade cachoeirana e tem na sua essência e na sua luta a forma certa para se perpetuar como um símbolo de resistência.

As relações sociais em Cachoeira estão intimamente ligadas a esta filarmônica, uma vez que, diversos sujeitos se encontram e compartilham suas experiências de vida num mesmo espaço, tornando a apresentação da Lira um evento que merece admiração e respeito de todos os segmentos da sociedade. Esta explicação remonta uma das questões primordiais da Lira, um ponto de encontro, um “espaço social”.

A apresentação da Filarmônica Lira Ceciliana é digna que um grande evento. Os vários setores da sociedade participam e torcem com toda empolgação pela sua filarmônica preferida. Os ensaios diários e exaustivos denotam tamanha importância que a Lira representa para seus músicos, alunos, regentes e amantes da música como um todo. Os músicos se preparam para uma grande festa, momento este que os inserem com participantes das atividades culturais e como sujeitos sociais.

Ela está presente nos principais “eventos” da sociedade cachoeirana. Toda a sua inserção não é por acaso. As suas práticas culturais por meio da música, e sua representação, promovem a interação de toda a sociedade nos mais diversos encontros.

É importante aqui não só abordar a função social desta sociedade e a representação musical e cultural, mas também as ações que dão contextualização histórica e determina a relevância da tradição das sociedades filarmônicas no interior baiano.

A Lira Ceciliana enquanto sociedade cultural na cidade de Cachoeira permite percebê-la e entendê-la como um “espaço social”. Espaço onde as pessoas se encontram, conversam, discutem a cidade, seus problemas (políticos) e acontecimentos, cantam, dançam, promovem a cidadania e o conhecimento (assim como para Foucault que em: “*A Verdade e as formas jurídicas*”¹, deixa claro a constituição histórica de um sujeito de conhecimento através de um discurso tomado como um conjunto de práticas e estratégias e que fazem parte das práticas sociais).

¹ FOUCAULT, M. I Conferência in: A verdade e as formas jurídicas. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Nau, Departamento de Letras – PUC/RJ, 1999, p. 7-27.

Esta importante instituição desenvolve diversas atividades como encontros permanentes nos mais variados encontros, procissões, festivais, bienais, e principalmente festas cívicas, como o 25 de junho, data magna da participação da cidade de Cachoeira nas lutas pela independência da Bahia. Conta ainda com uma escola de música que leva o nome do maestro e professor Irineu Sacramento, sucessor de Tranquilino Bastos, ensinando aos jovens cachoeiranos a importância cultural e musical representada pela sociedade filarmônica.

A possibilidade de perceber a sociedade através de suas práticas culturais e a representação que estas têm, propõe ao pesquisador um novo olhar, muito mais aguçado e mais rico de detalhes, constituintes de uma identidade local e memória regional, um “organismo vivo”. As atividades permanentes desta filarmônica são determinantes para o entendimento coletivo, as participações dos muitos sujeitos que através da Lira perceberam os seus papéis dentro e para a sociedade cachoeirana.

CONCLUSÃO

Em suma, esta Sociedade Filarmônica, atuante até os dias de hoje, continua difundindo as suas atividades musicais e culturais na cidade de Cachoeira e recôncavo baiano, perpetuando suas ações, além de despertar o interesse pela música. Atua ainda como “veículo” essencial para a manutenção da tradição das bandas de músicas na Bahia. Portanto, fica clara a importância determinante, tanto da Lira Ceciliana para a cidade de Cachoeira, como também o inverso, a cidade como local propício para o desenvolvimento de suas atividades, fortalecendo as identidades do recôncavo.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, José Aristeu de. *Sociedade Lítero Musical 25 de Dezembro: 1954 – 2004 Jubileu de Ouro*. Edição Comemorativa Irará, Bahia, 2004.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes: 4ª edição, 2004.

BLOCH, Marc. A observação histórica. In: *Introdução à história*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras in: Dialética da Colonização*. Companhia das Letras, 2ª edição. São Paulo, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion e BRINGNOLI, Héctor Pérez. *Os Métodos da História: Introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1990.

CARVALHO, José Jorge de, SEGATO, Rita Laura. *Sistemas Abertos e territórios fechados: para uma nova compreensão das interfaces entre música e identidades sociais*. Série Antropologia, Brasília, 1994.

CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien*. Paris, Union Générales d'Éditions, 1980. [A invenção do cotidiano, 1980].

CHARTIER, Roger. *A história Cultural – entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1990.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

FOUCAULT, M. I Conferência in: *A verdade e as formas jurídicas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Nau, Departamento de Letras – PUC/RJ, 1999, p. 7-27.

LE GOFF, Jacques. Documento Monumento in: *História e Memória*. 4ª edição. Campinas, SP: Unicamp, 1996.

MELLO, Francisco José de. *História da Cidade da Cachoeira*. Editora Gráfica Radami, Cachoeira, Bahia, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história in: *Revista Projeto História*. Nº. 10, São Paulo, 1993.

PELEGRINI, Sandra de Cássia A. Movimentos Sociais: algumas considerações in: *Pós História*, Revista de Pós Graduação em História, Assis – São Paulo, Vol. 3, 1995.

PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória in: *Projeto História*. São Paulo, (17), 1998.

ROCHA, Rubens. *A Fascinante Cachoeira: Jóia do Recôncavo Baiano*. Gráfica Santa Bárbara Ltda., 1ª edição. Bahia, 2002.

SANTIAGO, Jorge P. *Das práticas musicais aos arquivos vivos: Bandas brasileiras, literatura local e a cidade*. 1998.

SCHWEBEL, Horst Karl. *Bandas, Filarmônicas e Mestres da Bahia*. Centro de Estudos Baianos, publicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, 1987.

SOUZA, Antônio Loureiro de. *Notícia Histórica da Cachoeira* in: *Estudos Baianos*. Nº. 5. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1972.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 3 vol.

_____. *Costumes em comum: Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.